

## CULTURA E SOCIEDADE

### Breve Histórico da Antropologia:

Dentre os possíveis empregos da palavra cultura, vale ressaltar seu sentido ligado à erudição, denotando assim o possível maior ou menor acúmulo de conhecimentos por parte de um indivíduo ou de um grupo social, como processo civilizatório ou com um espírito nacional. Daí as dicotomias civilização X barbárie, desenvolvido X selvagem, etc. Dir-se-á, a respeito disso, que falamos de uma Cultura com “c” maiúsculo.

Uma outra forma de se compreender o termo cultura é considerando-o com o “c” minúsculo, ou seja, sem que seja compreendido como algo objetivo, que pode ser medido ou comparado. E isso porque na atualidade, nos estudos ligados à Antropologia, os atributos culturais das diferentes sociedades tendem a ser relativizados.

No presente estudo falar-se-á dos dois sentidos da palavra cultura, mas começaremos pelo que se denomina como “cultura no sentido antropológico”. Obviamente, o interesse pela compreensão daquilo que é diferente surgiu de forma mais efetiva no ocidente moderno quando o europeu deu início a contatos com outros povos, considerados por ele exóticos. Será apresentado a seguir um breve histórico do debate sobre como se pode entender o outro, nas suas diferenças (ou limitações, defeitos, equívocos, partindo de uma visão etnocêntrica).

É importante ressaltar que, do ponto de vista da antropologia, os atributos culturais retirariam o homem da sua condição de ser mergulhado nos instintos naturais. Assim, com sua capacidade de simbolizar a realidade, o ser humano estabeleceria uma dicotomia ou uma separação entre aquilo que é cultural e o que se relaciona ao natural. Segundo Claude Lévi-Strauss o homem se liberta da sua condição de ser totalmente natural quando passa a condenar a prática incestuosa, ou seja, a relação sexual entre membros da família nuclear. No verbete Cultura/Culturas da *Encyclopédie Einaudi* o autor Edmund Leach comenta a idéia elementar de Lévi-Strauss, afirmando que

a proibição do incesto, que Lévi-Strauss vê como a pedra angular universal da sociedade humana, é um elemento da estrutura lógica das convenções culturais. Com o objetivo de desenvolver certas idéias referentes às relações de parentesco, a categoria *irmã* deve ser distinguida da categoria *mujer*. A irmã é uma de *nós*, a mulher é uma *deles*. A regra do incesto tem, portanto, a dupla consequência de tornar o universo social segmentado em grupos sociais, *nós* e *eles*, e estes grupos isolados segmentados são, através do matrimônio, ligados entre si por redes intercomunicantes.

Desse modo, percebe-se claramente que a cultura é uma espécie de universo simbólico que, de alguma forma, auxilia o ser humano a dar sentido a uma existência que não é, em sua totalidade, determinada pelas condições biológicas ou naturais de forma geral. Daí pode-se entender a definição dada por Edward Tylor, em sua obra *Primitive Culture*, ao afirmar que *a cultura ou civilização, entendida em seu sentido etnográfico amplo, é o conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e todas as demais capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade*. Nota-se que a definição deixa clara a concepção do autor de que os atributos culturais são apreendidos pelo ser humano em sociedade, não sendo assim, naturais. Realizadas todas as prévias podemos agora passar ao objetivo supramencionado de proceder a um breve histórico da Antropologia.

Inicialmente, um fenômeno universal no gênero humano, ou seja, uma tendência geral que todos nós possuímos, acaba por afetar a ciência antropológica: o **etnocentrismo**. Esse se trata de uma propensão que todo indivíduo possui a rejeitar manifestações culturais diversas da sua, julgando-as inferiores, ou com outros termos, a analisar diferentes grupos sociais utilizando, para tanto, os padrões culturais da sua própria sociedade. Essa tendência se manifesta no Darwinismo Social, de Auguste Comte, no Método Comparativo, de Edward Tylor, ou no Evolucionismo de Herbert Spencer.

Se o estudo cultural é etnocêntrico, geralmente, o procedimento consiste em determinar os padrões de comparação, – que “coincidentemente” são europeus – e construir uma escala de classificação obtida pelo confronto comparativo entre os diversos grupos sociais estudados. É óbvio que as particularidades geográficas, naturais ou históricas de cada um desses grupos são completamente negligenciadas, já que uma sociedade não é simplesmente diferente da outra, mas sim mais, ou menos, evoluída ou desenvolvida. Resumindo, as diferenças sociais são explicadas por avanços ou atrasos de estágios de desenvolvimento, em uma escala linear progressiva, característica do positivismo.

A antropologia realizada pelos primeiros estudiosos, além de etnocêntrica, partindo de uma possível superioridade do europeu, tinha um outro problema sério: a ausência de um contato direto entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Esse é o momento da denominada antropologia “dos viajantes” ou “de gabinete”, na qual o cientista se vale dos relatos dos navegantes que estabeleceram contato com os nativos de outros continentes e, por meio dos mesmos, – realizados por pessoas que não possuíam a menor

formação específica para isso – concebiam suas teorias antropológicas.

Um marco na história da ciência que comentamos é, possivelmente, o pensamento de um alemão que, no entanto irá compor a Escola Americana, chamado Franz Boas. Esse autor apresenta um raciocínio extremamente interessante a partir do momento em que convida os antropólogos a perceberem que, no processo de composição de uma cultura, vários fatores – como o clima, o solo, a linguagem estabelecida, dentre outros – possuem cabal influência. Desse modo, não seria possível estudar a mesma sem o embate direto e a consideração desses mesmos fatores. Dando um exemplo: o sedentarismo e o nomadismo não podem ser sempre, necessariamente, resultados da simples escolha de uma determinada sociedade. Muitas vezes, e isso é cientificamente comprovado em muitas culturas, um determinado grupo social não se fixa por falta de condições para fazê-lo, seja por causa das chuvas esparsas, de um relevo acidentado, ou outro motivo qualquer.

Além se propor, para a compreensão de uma cultura, a relativização dos critérios de análise, outro dado importante é que Boas já aponta para a necessidade do cientista de entrar em contato direto com a sociedade na qual ela se insere. Essa prática seria denominada de trabalho de campo ou observação participante, justamente porque exigiria do antropólogo uma convivência mínima com o grupo cultural estudado para captar minimamente a lógica interna de suas relações cotidianas.

Tais maneiras de compreender a cultura se consolidaram com o Funcionalismo, que tem por principal representante Bronislaw Malinowski, cientista polonês que dedicou boa parte de seus esforços no estudo da cultura das ilhas do Pacífico Ocidental. Para o funcionalista, é essencial compreender a função de cada um dos diversos fatores que são responsáveis pela fundação e manutenção de um conjunto simbólico, além de suas interconexões. Em sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* o autor comenta brevemente os principais axiomas do funcionalismo:

A) A cultura é, essencialmente, um aparato instrumental; através dela o homem é colocado em condição de melhor tratar os problemas concretos específicos que enfrenta em seu ambiente, no decurso da satisfação de suas necessidades. B) É um sistema de objetos, atividades e atitudes, no qual cada uma das partes existe como meio para um fim. C) É uma totalidade, em que os diversos elementos são interdependentes. D) Tais atividades, atitudes e objetos estão organizados em torno de tarefas importantes e vitais, em instituições como a família, o clã, a comunidade local, a tribo e as equipes organizadas de atividades políticas, legais, educacionais e de cooperação econômica. E) Do ponto de vista dinâmico, isto é, com relação ao tipo de atividade, a cultura pode ser analisada sob diversos aspectos, tais como educação, controle social, economia, sistemas de conhecimento, crença e moral, e, também, modos de expressão criativa e artística.

Como se notou, a cultura passa definitivamente, a partir de então, a ser compreendida como uma rede complexa de significados que só possuem sentido quando inseridos no cotidiano da vida de um determinado grupo que se utiliza dessa significação para se relacionar consigo mesmo e com a natureza. Malinowski ressalta que todas as redes de relação social podem ser reduzidas às funções vitais para a vida da sociedade às quais estão ligadas. Para a devida compreensão de um determinado universo simbólico é indispensável o que acima denominamos trabalho de campo, realizado rigorosamente pelo autor supracitado.

Assim se nota que autores como Franz Boas ou os funcionalistas Malinowski e Radcliffe-Brown foram diretamente responsáveis, no século passado, pela consolidação da ciência antropológica, partindo de duas premissas básicas: as culturas diversas não podem ser classificadas por nenhum critério prévio de análise, pois que cada uma é o resultado de uma somatória de fatores diferentes que só podem ser compreendidos depois de um estudo aprofundado; a pesquisa sobre uma cultura diferente só pode ser realizada por meio do contato direto do cientista com a mesma, por meio da convivência cotidiana, o que foi denominado acima de trabalho de campo.

Uma última nota relevante que deve ser feita é o comentário mínimo sobre o método estruturalista de **Claude Lévi-Strauss** (foto ao lado). Autor francês, professor de sociologia da USP, realizou diversas pesquisas de etnografia no Brasil, as quais deram origem, por exemplo, à obra *Tristes Trópicos*. A diferença marcante entre Funcionalismo e Estruturalismo é o desejo, por parte do segundo, de estabelecer conexões mais gerais entre as sociedades estudadas. Por meio da utilização dos avanços da lingüística nos estudos antropológicos, Lévi-Strauss buscou encontrar estruturas com duração longa nos grupos sociais, de preferência comuns a vários deles. A condenação do incesto acima citada foi um elemento estruturante para praticamente todas as sociedades humanas, segundo o autor, assim como o apelo a algum tipo de pensamento mítico. O intuito do autor, aparentemente, seria ter dado uma universalidade maior à Antropologia, que estaria limitada ao estudo de grupos sociais particulares.

No breve histórico aqui realizado, por simplório que possa parecer, buscou-se minimamente comentar alguns dos principais momentos pelos quais passou a Antropologia desde o seu surgimento na modernidade. Outro objetivo central foi o de mostrar as diferenças de pressupostos e metodológicas entre concepções científicas **etnocêntricas** e aquelas que buscam, minimamente, o **relativismo cultural**.

**Atividade Avaliativa:**

- 1) Qual a diferença entre o entendimento da cultura com “C” e com “c”? Explique cada uma delas.
- 2) Explique a expressão a seguir: (...) “a cultura é uma espécie de universo simbólico que, de alguma forma, auxilia o ser humano a dar sentido a uma existência que não é, em sua totalidade, determinada pelas condições biológicas ou naturais de forma geral”? O que você entendeu dessa parte do texto? No seu dia-a-dia onde ou em que você percebe este universo simbólico?
- 3) O que é etnocentrismo? Explique suas características.
- 4) O que é relativismo cultural? Explique suas características.